

*Villa de Luis Gusmán**

O segundo romance de um escritor argentino que mistura política e ética com o perigo da inocência

Carla Victoria Albornoz

“**P**or acaso essa não tinha sido sempre a minha política? Onde me davam espaço, eu ficava.” É a resposta que o Doutor Villa encontra para sua pergunta retórica e que descreve o destino deste singular personagem que dá nome ao segundo romance do escritor argentino Luis Gusmán, traduzido para o português pela Editora Iluminuras.

Villa, publicado pela primeira vez na Argentina em 1995, conta a história de um “mosca” - como são denominados os servidores dos jogadores de pôquer- que fará de seu ofício um destino. O que mais tarde se converterá numa relação de submissão com o poder. Villa passa de “mosca” a médico do Ministério de Bem-Estar Social. Mas, como médico, Villa é só mais uma engrenagem de uma complexa máquina burocrática do governo. Ele busca progredir na sua carreira, mas não quer ser chefe. Ele só pretende ser a mão direita de seu chefe.

O romance de Gusmán está ambientado na década de 1970, um caótico período político da Argentina. O General Perón morre, um governo peronista liderado pela sua mulher e com a assistência de um obscuro personagem da política argentina o sucede. Entretan-

* Editora Iluminuras, R\$ 27.

Resenha

Carla Victoria Albornoz

to, a situação política e social se torna insustentável e se produz um golpe militar que marcará a vida dos argentinos durante os dez anos seguintes.

Neste contexto, Villa tenta ficar no espaço que lhe dão. Sempre sendo a sombra de alguém e nunca se revelando o protagonista da história, ainda quando ele sabe o que está acontecendo nesse organismo do Estado. Luis Guzmán escolheu narrar a história de Villa em primeira pessoa, mas contando a vida deste personagem através dos episódios da vida dos outros. Dois grandes temas são trabalhados na trama deste romance: a política e o perigo da inocência. O autor faz submergir o leitor na inocente descida de Villa num mundo de violência, tortura e ilegalidade que circunda a Argentina desses tempos, onde a memória e a palavra de Villa se converterão num documento indesejado dos tristes acontecimentos políticos do país. Villa nos narra aquilo que não pode ser narrado. Mas a história deste personagem não vira uma desculpa para fazer uma crítica dos fatos políticos da Argentina. Pelo contrário, estes servem como cenário para nos contar a história de Villa.

Com uma linguagem simples, mas ao mesmo tempo culta, Luis Guzmán nos apresenta uma trama sólida e consistente, com uma narrativa cativante e bem elaborada onde, mais uma vez, assim como em *O Vidrinho* (Editora Iluminuras) - o seu primeiro romance conhecido no Brasil - nos demonstra sua habilidade ao construir personagens. O respeito pelas perspectivas sobre o mundo de cada um deles nos revela um escritor interessado em analisar o dilema ético na sua narrativa. Em *Villa*, todos os pontos de vista são ouvidos e nenhum destes é censurado, embora nos provoquem certa repulsão. A história de Villa não precisa de moral, ainda quando a sua queda nesse mundo de ilegalidade nos pareça não ter fim.

O autor e suas influências

Luis Guzmán pertence a uma geração de escritores argentinos conhecida como 'os marginalistas'. Ainda que ele prefira descrever suas histórias como 'laterais' em vez de 'marginais'. Recentemente tivemos a oportunidade de conhecer outros dois expoentes deste

período da literatura argentina com o lançamento em português do livro-ensaio *Formas Breves*, de Ricardo Piglia (Editora Companhia das Letras), e do livro *Triste, solitário e final* (Editora Paz e Terra) do já falecido Osvaldo Soriano. Este grupo de escritores começa a escrever na década de 1970, na Argentina, motivados pela busca de uma nova forma de narrativa e de contar histórias. Quase todos eles têm passado do ensaio à ficção sem interrupções, tendo sido fundamental a influência de Roland Barthes, Maurice Blanchot e Bichat, entre outros, na construção de seus peculiares relatos.

Na obra literária de Luis Gusmán, encontramos os influxos de Borges, Kafka, Joyce, Graham Green, como também da psicanálise. A figura do pai, a presença dos círculos infinitos, a idéia do duplo e da morte aparecem como recursos recorrentes na sua literatura. Todos estes elementos estão também presentes em *Villa*. A carência física da figura do pai na vida de Villa e a procura permanente dele no personagem de Firpo - o seu chefe-, os encontros e desencontros afetivos que marcam o destino deste personagem, a necessidade de ser sempre o ‘mosca’ de alguém, de não ser o protagonista de sua própria vida e, finalmente, a solidão com que a morte o deixa. A morte daqueles a quem ele queria bem e nos quais confiava, e a cumplicidade na morte dos torturados pelos serviços de inteligência argentina.

Gusmán se serve tanto das imagens autobiográficas como da influência que outros autores tiveram sobre a sua formação literária ao construir os seus relatos e seus personagens. No entanto, um dos elementos mais destacados nas suas obras de ficção é a aguda descrição que faz da emblemática classe média argentina. Luis Gusmán recria uma e outra vez nos seus personagens os valores, as crenças, os costumes, enfim, a idiosincrasia desta importante proporção da população que tem caracterizado a Argentina do século XX.

Villa, um relato épico

O leitor encontrará nas 175 páginas de *Villa*, história, carências, caos, política e torturas que se misturam para desenhar uma imagem circular de queda infinita. O autor consegue criar uma atmosfera sombria na qual não existe a salvação, mas também não é

Resenha

Carla Victoria Albornoz

permitida a condenação. Desta forma, Luis Gusmán chega ao Brasil com o seu segundo romance publicado em português. Desta vez com uma escrita mais épica e menos lírica, e com uma sintaxe menos violenta que em “O Vidrinho”. Luis Gusmán chega para ficar, com o seu particular estilo narrativo, no círculo dos bons escritores argentinos que temos o prazer de conhecer no Brasil. ■

A obra de Luis Gusmán / Gusmán “Básico”

Luis Gusmán nasceu em Buenos Aires em 1944. Como escritor se destacou tanto na área do ensaio como do romance. O lançamento de seu primeiro romance *O Vidrinho* (1973) o converteu num autor de referência pelo seu estilo pessoal e proposta transgressora na leitura de certos tópicos da psicanálise. Publicou outros 7 romances em espanhol: *Brillos* (1975), *Cuerpo Velado* (1978), *En el corazon de junio* (1983) (Prêmio Boris Vian 1993), *La musica de Frankie* (1993), *Villa* (1995), *Tennessee* (1997), levado ao cinema sob o título *Sottovoce*, e *Hotel Eden* (1999). Escreveu também dois livros de contos: *La muerte prometida* (1986) e *Lo mas oscuro del rio* (1990), além de um relato autobiográfico intitulado *La rueda de Virgilio* (1989). Gusmán colabora assiduamente como colunista dos mais importantes jornais da Argentina.